

## Paul Krugman laureado com o Prémio Nobel da Economia

Gina Soares. IEEI

A Real Academia Sueca de Ciências decidiu atribuir o Prémio Nobel da Economia de 2008 a Paul Krugman «pela sua análise dos padrões de comércio e da localização das actividades económicas».

Paul Krugman tem 55 anos, é Professor de Economia e Relações Internacionais na Universidade de Princeton e colunista do *New York Times*. Anteriormente, leccionou no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nas Universidades de Yale e Stanford e foi membro do Conselho de Economistas da Administração Reagan entre 1982 e 1983.

O economista norte-americano foi distinguido por formular uma nova teoria que procura explicar as alterações do comércio internacional e identificar os factores que determinam a concentração das principais actividades económicas e das populações nas grandes metrópoles.

As teorias clássicas do comércio internacional baseiam-se nos modelos de David Ricardo e Heckscher-Ohlin que explicam as trocas entre países e produtos diferentes segundo o princípio das vantagens comparativas. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, tornou-se visível o aumento do comércio de produtos idênticos, principalmente entre os países desenvolvidos. Segundo a explicação de Krugman, as economias de escala, isto é, a diminuição dos custos por unidade perante a produção em massa, e a procura de uma variedade maior por parte dos consumidores, impulsionam a especialização das empresas na diferenciação de um determinado produto dentro da sua categoria. Por exemplo, diferentes países podem produzir um mesmo bem como o automóvel, mas especializar-se em marcas diferentes. «Desta forma, cada um dos países aproveita efectivamente as economias de escala, enquanto os consumidores beneficiam de maior escolha e preços mais reduzidos». A base do comércio internacional já não é apenas a diferenciação entre produtos e países, mas inclui também, e cada vez mais, a diversidade dentro de um mesmo produto e entre países com factores de produção semelhantes.

O mesmo raciocínio serve de base às suas reflexões sobre a localização das actividades económicas e a rápida urbanização das cidades. Em regiões com maior densidade populacional, como é o caso dos grandes centros urbanos, as economias de escala podem funcionar de forma mais eficiente, permitindo aos consumidores locais adquirirem um conjunto diversificado de produtos a preços mais reduzidos. Esta situação exerce um forte poder atractivo sobre outros consumidores que tendem a deslocar-se para as cidades ou regiões em causa, contribuindo assim para a sua crescente urbanização. As desigualdades regionais podem culminar na divisão entre centro e periferia, correspondendo o primeiro à concentração de actividades de alta tecnologia, enquanto a periferia, com menor densidade populacional, fica restrita à produção de bens primários como os produtos agrícolas.

Krugman publicou mais de 200 artigos académicos e 20 livros entre os quais se destacam *The Conscience of a Liberal* (2007), *The Great Unravelling* (2003) e *The Return of Depression Economics* (1996). Para além de ser um dos principais teóricos da economia política internacional, Krugman é também conhecido pelos seus comentários políticos, em particular pelas duras críticas que tem feito a George Bush. Denunciando os falsos motivos para a invasão do Iraque e apontando como exemplo a situação do Afeganistão, Krugman defende que a Administração Bush tem utilizado todos os seus recursos para conquistar determinados objectivos que posteriormente negligencia. «Após o triunfo, quando se trata de tomar conta do que conquistaram, a sua atenção

desaparece». Para Krugman, este padrão aplica-se também à política económica definida pelo Presidente. O corte de impostos anunciado em 2001 foi uma vitória política para Bush mas, desde então, Krugman considera que a situação económica dos EUA tem vindo a piorar com a diminuição do crescimento económico e o aumento do desemprego. Relativamente à actual crise financeira, o economista norte-americano tem apelado aos decisores políticos para que «ao menos uma vez, excedam as expectativas na forma de abordar esta crise». Após ter afirmado que o plano de 700 mil milhões de dólares do Secretário do Tesouro Henry Paulson «não faz qualquer sentido», o economista norte-americano elogiou a proposta do governo britânico, considerando que Londres «mostrou ao mundo o caminho a seguir», adoptando um plano que, entre outras medidas, prevê uma linha de crédito de cerca de 260 mil milhões de euros para os principais bancos do país. Acima de tudo, o «governo de Brown, mostrou-se disponível para pensar claramente sobre a crise financeira e agir rapidamente sobre as suas conclusões».

Mas as opiniões de Krugman têm sido ainda mais polémicas em relação às eleições presidenciais de 2008. Enquanto partidário de Barack Obama, Krugman tem defendido as capacidades e as posições do candidato democrata. Sobre a crise financeira que tem dominado a campanha eleitoral das últimas semanas, Krugman escreveu: «Barack Obama parece bem informado em matéria de economia e finanças, mas John McCain assusta-me.» De facto, o economista tem-se empenhado em destacar as incongruências da campanha republicana afirmando que John McCain «continua a fazer afirmações que qualquer pessoa, com uma ligação à Internet, pode desmentir num minuto. (...) Se esta forma de campanha for um indicador da forma de governação de John McCain e Sarah Palin, então, em caso de vitória, a sua Administração será muito pior que a de George Bush e Dick Cheney».

À luz destas críticas e, tendo em conta que faltam menos de três semanas para as eleições presidenciais dos Estados Unidos, vários analistas consideraram que o timing da atribuição do Prémio foi provocador. Em entrevista ao Comité Norueguês do Nobel, Krugman reconheceu que foi «para além do seu papel como economista nas suas colunas de opinião. No entanto, os economistas também são cidadãos e, enquanto tal, têm opiniões políticas».